

PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília

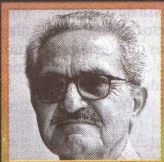


A capital do país, ao ser transferida para o Planalto, atraiu brasileiros de todas as regiões. Gente que acreditou no sonho de JK e na necessidade de mudar o eixo de desenvolvimento do país. Gente que abandonou o conforto de cidades já consolidadas para fazer da nova capital uma realidade. Na série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília*, as lembranças desses aventureiros estão sendo contadas semanalmente.

Élio
Moulin



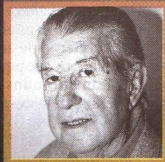
José Martins
Vieira



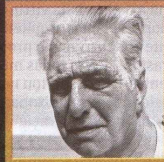
Natanry
Osório



Nicolau
Neto Godói



Walter
Cruz



PIONEIROS



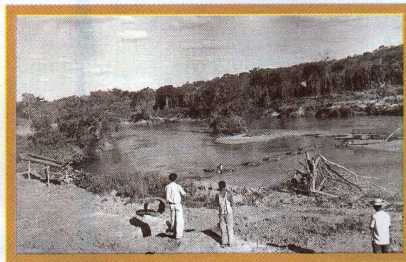
Élio Moulin

Crença no futuro da nova capital no interior

Fotos: Arquivo pessoal



O HOTEL BURITI, ONDE MOROU QUANDO CHEGOU À CIDADE; NA CASA DA QUADRA 48 (716 SUL), ONDE REGINA TEVE O PRIMEIRO FILHO, E NO POSTO DE AREIA, EM CORUMBÁ



BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Quando o ônibus que trazia o casal recém-casado do Rio de Janeiro para o Distrito Federal, em 1960, aproximava-se do Catetinho, Élio Moulin, 72 anos, disse à esposa, Regina Maria de Almeida Moulin: “Esta é a sua terra”. Com o mesmo espírito de determinação e coragem, ela respondeu: “Abençoado seja!”.

Quarenta e quatro anos depois, Élio e Regina não têm dúvida de que não haveria destino melhor para suas vidas do que a escolha por participar da consolidação da nova capital. A paixão pelo projeto da construção de Brasília havia sido despertada na primeira vez que o casal ouviu falar sobre a cidade.

Andando na avenida Nossa Senhora de Copacabana, Élio e Regina avistaram na vitrine de uma loja as plantas arquitetônicas que concorriam ao projeto de Brasília. “Eram todas muito diferentes, isto despertou nossa curiosidade, nos apaixonamos por toda aquela inovação”, recorda-se Regina.

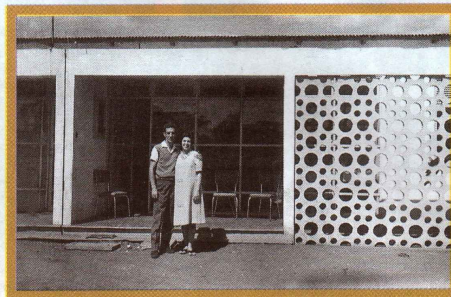
A decisão de se aventurar no Planalto estava tomada. Para garantir que nada daria errado, Moulin mudou-se para Brasília dois anos antes de Regina, que na

época ainda era sua namorada. A convite do cunhado, Geraldo Pedroza, chegou aqui em setembro de 1958.

No trajeto, de avião, um companheiro de viagem contava-lhe sobre a pobreza da região e a precariedade das condições de vida que encontraria aqui. Ao desembarcar no aeroporto da cidade, que funcionava em um galpão de madeira onde hoje está a Base Aérea, Moulin pôde confirmar que a descrição era verdadeira.

Diferente de muitos, Moulin já sabia que trabalho desempenharia no Distrito Federal. Junto com o cunhado e outro companheiro formou a Moucapé (Moulin, Carvalho e Pedroza) — companhia especializada no fornecimento de areia para as construções que aqui se desenvolviam por todos os lados. A matéria-prima era proveniente de Corumbá, em Goiás.

O primeiro local de moradia de Moulin no Distrito Federal foi o Hotel Buriti, localizado na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). A cidade era movimentadíssima por aventureiros de todas as regiões



do país, inclusive alguns estrangeiros, que chegavam aqui atraídos pela promessa de prosperidade que o projeto de Brasília fazia. “Os contatos que fazíamos naquele cenário compensavam qualquer dificuldade que tínhamos que enfrentar no dia-a-dia”, afirma o pioneiro. “Era uma grande confraternização entre todos os brasileiros”, completa.

Confirmando a simplicidade da personalidade do presidente Juscelino Kubitschek, Moulin conta ter conhecido JK numa vi-

sita surpresa que ele fez ao porto de areia em Corumbá. “Ele chegou de helicóptero, muito alegre, expansivo, perguntava tudo”, lembra. “Queria ver as condições de trabalho ali!”

Moulin diz que o carisma do presidente era tão grande que muitos candangos choravam ao ouvi-lo falar. “Ele passava muita confiança no que estava fazendo”, afirma.

Depois disso, Moulin avistou novamente JK no dia da inauguração de Brasília, passando pe-

lo Plano Piloto, visitando a igreja e a Escola Parque da 308 Sul. “Passei o dia carregando parlamentares do meu estado, que não paravam de chegar para o grande evento”, conta. “Nestas andanças, pude avistar o presidente”, conclui.

O casamento

A idéia do casal Moulin ao mudar-se para a nova capital era montar uma escola, uma vez que ambos haviam se formado em sociologia. Mas o convite para que trabalhassem no Tribunal de Contas do DF adiou os planos da dupla.

Élio e Regina casaram-se no Rio de Janeiro, onde ambos cursaram a faculdade, e vieram juntos para Brasília em agosto de 1960. A primeira moradia do casal seria bem diferente daquela que abrigou Moulin quando aqui chegou solteiro. Desta vez, os dois ficariam acomodados em um apartamento na 108 Sul, emprestado pelo então deputado Napoleão Fontenele.

À espera do enxoval, que viria de caminhão alguns dias depois,

PIONEIROS

Projetos de Brasília expostos no Rio chamaram a atenção do casal de namorados. Em 1958, Élio veio para a cidade em construção com o cunhado. Em 1960 mudou-se de vez com a esposa

Regina conta ter se surpreendido com o relacionamento entre as pessoas aqui logo no primeiro contato que teve, com a vizinha, Dona Anunciata. "Pedi panelas e talheres emprestados e ela me respondeu negativamente", diz. "Para minha surpresa, logo em seguida disse que não emprestaria porque cuidaria de todas as refeições do casal até que a mudança dos dois chegasse", completa. Todos os dias, o casal recebia em casa almoço e jantar.

O apartamento da 108 Sul deixou de ser residência do casal em março de 1961. Regina conseguiu que o próprio presidente JK autorizasse a concessão de um apartamento para os dois. "Encontrei com ele e pedi", afirma Regina. "Ele então me disse para procurar o coronel Lélis e foi o que fiz."

O novo apartamento era na Asa Norte. Quase nada na cidade estava construído. O imóvel ficava no terceiro andar de um bloco na 403 Norte. Por estar grávida de alguns meses, Regina preferiu trocar o apartamento por um em cujo prédio tivesse elevador.

Era fácil trocar os imóveis em Brasília naquela época. Bastava que os órgãos de origem dos trabalhadores beneficiados aceitassem. O anúncio da segunda moradia do casal foi visto então anexo em um quadro de avisos de um supermercado que funcionava no pilotis de um dos blocos da quadra 403.

A terceira residência do Moulin ficava onde é hoje a 716 Sul. Naquela época, chamava-se quadra 48. Foi na pequena casinha de paredes finas que o primeiro filho, Mário Luiz, nasceu. A casa foi novamente trocada em 1962



ÉLIO COM A ESPOSA E OS FILHOS, EM 2000, DEPOIS DE RECEBER A MEDALHA DE ORDEM E PROGRESSO DO GDF

“ OS CONTATOS QUE FAZÍAMOS NAQUELE CENÁRIO COMPENSAVAM QUALQUER DIFICULDADE QUE TÍNHAMOS QUE ENFRENTAR NO DIA-A-DIA ”

por um apartamento na 306 Sul, onde o casal permaneceu por mais três anos, mudando-se de-

pois para a 105 Sul.

O preço dos imóveis nos primeiros 10 anos de Brasília era muito barato porque, depois da saída de JK do governo, muita gente duvidava que a cidade se consolidasse e não arriscava em investir aqui. Quem se arriscou pôde contar vantagem depois.

Por causa desta desconfiança, Moulin arrendou logo nos primeiros anos da cidade uma chácara próxima a Taguatinga, onde o casal passava os finais de semana. Também compraram um terreno próximo à companhia Metropolitana, hoje chamado Setor de Mansões Park Way. O lugar foi sede por vários anos de muitos encontros e reuniões do casal com os amigos conterrâneos que aqui estavam.

Colônia alegreense

Depois que os Moulin e os Pedroza mudaram-se para o Distrito Federal, cerca de 26 famílias de Alegre (ES) também deixaram suas casas em busca de melhores dias na nova capital. A colônia, segundo Regina, supria

a falta que os familiares faziam nos primeiros anos na cidade. "Nunca me senti só aqui porque sempre estivemos cercados de amigos, alguns que já conhecíamos e outros que aqui fizemos", diz a pioneira em tom de grande satisfação. "Até hoje somos unidos", completa.

Quando perguntados sobre o que mais gostam daqui, sem pensar muito, os Moulin respondem: "Brasília é única porque aqui temos acesso a tudo o que se encontra em uma metrópole, sem perder a qualidade de vida que só as cidades menores ainda podem proporcionar".

Depois de mais de 18 anos como funcionária do Tribunal de Contas do DF, Regina passou a dedicar-se ao comércio de roupas. Começou vendendo para as amigas, em casa, e hoje é dona da Ki-Graça, empresa aberta há 27 anos. Élio, por sua vez, foi inspetor geral do TCDF por 11 anos. Formado em Direito na segunda turma da Universidade de Brasília, em 1963, hoje é advogado da Secretaria de Transportes do DF.

Raio X

Nome: Élio Moulin
Origem: Alegre, Espírito Santo
Idade: 72 anos
Ano de chegada a Brasília: 1958
Profissão: Advogado
Esposa: Regina Maria de Almeida Moulin
Filhos: Mário Luiz, Alexandre, Maria Angélica e Maria Paula
Netos: Mariana, Marcela, Tatiana, Luciana e Gabriel.



Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chivacatti, Stela Maris Zica e Vinícius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados



José Martins Vieira

Uma época de progresso pessoal e profissional

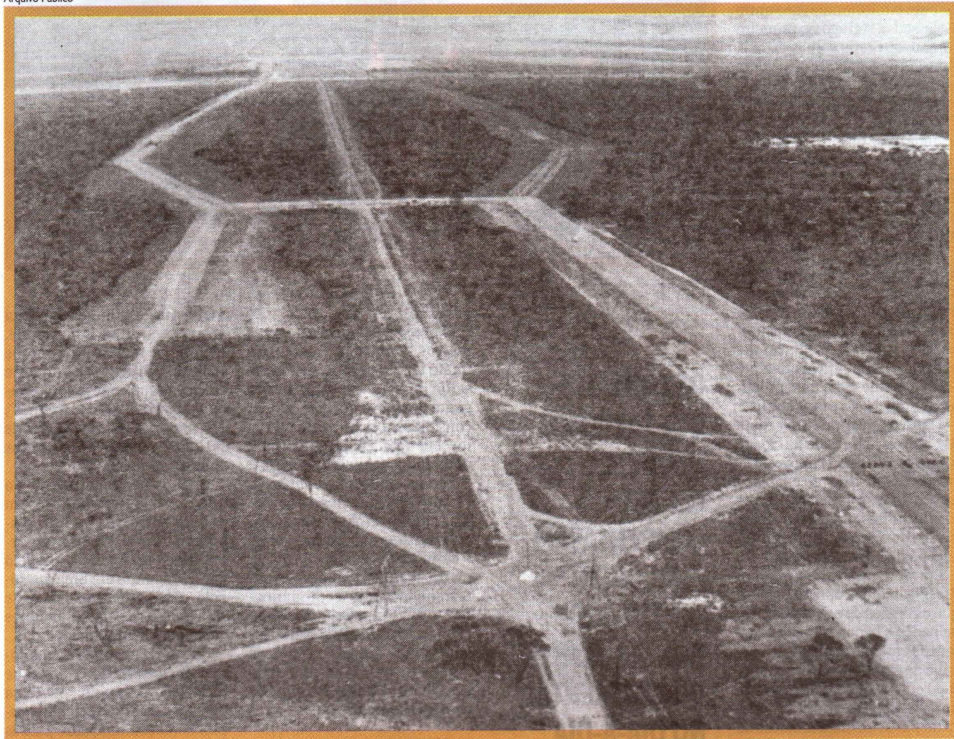
Arquivo Público

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

“A busca por um lugar ao sol.” Segundo o economista aposentado José Martins Vieira este foi o principal motivo que o trouxe de Ceres — cidade do estado de Goiás — a Brasília em março de 1957. “Minha vida em Ceres não estava muito boa, pois o campo de trabalho na área de cartografia estava escasseando naquela região”, explica o pioneiro, que ouviu dizer que haveria necessidade de muitas pessoas com experiência em topografia com a interiorização da nova capital. Sendo assim, esse mineiro de Pilar de Patos de Minas resolveu deixar Ceres, para onde tinha se mudado há 10 anos, rumo à nova capital, deixando por lá a família e também a namorada.

Na bagagem não havia muita coisa. “Eu era como os viajantes do Saara, que só levam uma pequena trouxa em cima do lombo dos animais, mas sem animal”, compara o pioneiro. “Cheguei aqui com a cara dura, pouca coisa no saco de bagagem e fui logo armando minha barraca sem luxo nenhum”, lembra. Nem mesmo tanto cerrado assustou José. Ele estava acostumado a viver no campo, já havia sido colono em Ceres. Foi exatamente nessa barraca que José pôde reencontrar um dos pioneiros mais importantes de Brasília, Bernardo Sayão, que havia sido colono em Ceres na mesma



época em que Martins Vieira morava lá e vivia da agricultura, plantando e vendendo arroz, feijão e milho. “Ele não tinha como lembrar de mim, pois eu era um simples operário”, afirma.

Nesse encontro, o que chamou a atenção de Bernardo Sayão foi um tabuleiro de xadrez, “daqueles para se jogar a bordo e que

têm as peças presas por um parafuso”, armado no meio do cerrado, próximo à barraca de Martins Vieira. Como Sayão era um apaixonado por xadrez, o convite para uma partida não tardou muito. “Só que eu não soube aproveitar muito bem aquele momento, pois endureci e venci o jogo. O problema é que Bernardo Sayão

quando viu que ia perder deu uma desculpa qualquer e pediu para que o segurança terminasse a partida por ele”, afirma o pioneiro enxadrista que acabou sendo o primeiro campeão do esporte em Brasília no ano seguinte.

Trabalho não faltava

Logo que chegou por aqui, José

DAS OBRAS DE QUE PARTICIPOU, A DO EIXO MONUMENTAL FOI A QUE MAIS MARCOU A VIDA DO PIONEIRO

percebeu que as pessoas que o alertaram sobre o vasto campo de trabalho estavam cobertas de razão. Por isso, não foi difícil para

PIONEIROS

Por insistência dos amigos, foi em Brasília que o pioneiro concluiu os estudos e, mais tarde, se formou em Economia. Foi aqui também que ele escolheu viver com a mulher e ter filhos

ELE CHEGOU PARA TENTAR A VIDA NA CAPITAL SEM ESQUECER A NAMORADA QUE HAVIA DEIXADO EM CERES. DEPOIS DA VIDA ORGANIZADA, FOI BUSCÁ-LA E FORMOU FAMÍLIA NA NOVA CAPITAL

ele, que já tinha alguma experiência, arranjar emprego na Novacap. Primeiro como nivelador — uma espécie de ajudador do topógrafo — e depois como topógrafo mesmo, cargo que exerceu até 1961, quando passou a ser condutor técnico da mesma empresa. Entre todas as obras das quais ele deu o pontapé inicial duas marcaram José Martins Vieira de uma maneira diferente: o Eixo Monumental e a estrada que liga Anápolis a Brasília.

José poderia ser chamado de o verdadeiro pioneiro do marco zero de Brasília. Isso porque foi ele quem coordenou a equipe responsável pela abertura de caminhos para que fosse construído o Eixo Monumental. “Lancei a picada sobre o terreno onde hoje está o Eixo e demarquei o marco zero do Plano Piloto no local onde até hoje está uma cruz de madeira, na frente do Memorial JK”, conta um orgulhoso pioneiro.

Depois de concluir essa grandiosa tarefa, Martins Vieira foi designado para desbravar mais terras Brasília a dentro. Dessa vez, o desafio era na estrada que ligava Brasília a Anápolis, a primeira a ser construída ligando a nova capital a uma grande cidade goiana. “Era um privilégio muito grande poder participar dessa obra e reduzir uma viagem que chegava a durar dois dias para um tempo médio de duas horas”, comemora. Essa experiência foi vivida intensamente por José, que foi responsável por 25 quilômetros da estrada. “As equipes contratadas tinham que fazer todo o serviço de topografia, desde o desmatamento até a entrega”, ressalta.

Com tanta experiência e competência, José Martins Vieira já



havia chegado ao nível mais alto que ele poderia atingir dentro da Novacap, e o caminho era de sucesso garantido não fosse um detalhe: o jovem pioneiro perdeu os pais cedo e, para cuidar dos irmãos, teve que abandonar os estudos, não tendo, assim, nem o primeiro grau completo. “Foi então que um dos diretores da Novacap, Lúcio Gomide, me chamou e aconselhou-me a voltar à escola”, relata. Aproveitando a dica, Martins Vieira foi à luta, terminou os primeiro e segundo graus, se formou em curso técnico de contabilidade, mas acabou parando por aí. “Os colegas me encontravam na rua e quando sabiam que eu não estava em nenhuma universidade pressionavam para que eu tivesse um curso superior”, lembra. Mais uma vez os conselhos foram ouvidos e Brasília ganhou um economista da melhor qualidade, com direito a pós-gra-

“**LANCEI A PICADA SOBRE O TERRENO ONDE HOJE ESTÁ O EIXO E DEMARQUEI O MARCO ZERO DO PLANO PILOTO NO LOCAL ONDE ATÉ HOJE ESTÁ UMA CRUZ DE MADEIRA, NA FRENTE DO MEMORIAL JK**”

duação e tudo o mais.

Nesse meio tempo, José Martins Vieira foi a Taubaté, cidade do interior paulista para onde a namorada, Odília, havia se mudado. Retomaram a relação e ele voltou de lá casado. “Agora não dava mais para morar no acampamento de solteiros. Pedi para o Lúcio Gomide uma casa de alvenaria e recebi uma das primeiras casas populares da W3 Sul”, afirma o pioneiro, que nessa casa construiu toda sua vida. Criou os cinco filhos e mora lá até hoje. Mais de 45 anos depois de ter vindo para cá, José Martins Vieira ainda se emociona ao falar de Brasília e nega com veemência qualquer possibilidade de arrependimento. “Brasília foi para mim uma bênção que me possibilitou criar uma família estruturada, ter um futuro profissional e ser muito feliz”, finaliza, com um sorriso nos lábios.

Raio X

Nome: José Martins Vieira
Idade: 74 anos
Origem: Nascido em Pilar de Patos de Minas (MG), morava em Ceres, Goiás
Ano de chegada a Brasília: 1957
Profissão: Economista aposentado
Estado civil: Casado
Esposa: Odília Bessa Vieira
Filhos: Fernando, Dea, Julio César, Cristina Fátima e Marcelo
Netos: Maíra, Priscila e Gabriel



Natanry Ludovico Osório

Em Goiânia, onde morava e sonhava em participar

Ajudar na consolidação de Brasília, um grande sonho

Arquivo Pessoal



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Obstina e uma entusiasta de Brasília. Assim é a pioneira Natanry Ludovico Osório. Uma goiana que trocou o conforto do lar e uma intensa vida social na capital, Goiânia, para auxiliar os cantangos na grande obra.

Sua paixão por Brasília começou antes mesmo do assentamento dos primeiros tijolos aqui. Foi no Palácio das Esmeraldas, sede do governo de seu estado, que a jovem ouviu falar da profecia de Dom Bosco. Sempre atenta ao que diziam os familiares — o tio e governador de Goiás, José Juca Ludovico de Almeida, e a tia Iracema —, ela se mostrava fascinada com a idéia de mudança da capital. “Eu ficava atenta a tudo que diziam sobre a construção de Brasília, as controvérsias, os planos de mudança e falava comigo mesma: Hei de participar desta construção”, conta a pioneira.

Em meados de 1958, a estudante de Filosofia visitava pela primeira vez o tão sonhado local. Foi durante a primeira festa de São João no aeroporto de Brasília, que nessa época era todo em madeira. O evento foi promovido pela Aeronáutica, que fretou um avião só para a cerimônia. “Chegamos ao cair da noite. Um local ermo, desértico e muito

frio. Um frio de cortar os ossos e um vento devastador”, descreve Natanry. “Aquele céu imenso, as nuvens barrocas, a diversidade do cerrado, o ritmo acelerado das construções, os esqueletos de prédios em estrutura metálica e tratores por todo lado, aquilo tudo me fascinava.”

A imagem inusitada do aeroporto em madeira e a civilização brotando do nada também ficaram guardadas em sua retina. “Um simples galpão de madeira

sobre um imenso tapete de terra vermelha.” Os lacerdinhas (redemoinhos) não davam trégua. A saia rodada da estudante — última moda nos anos cinquenta — insistia em se levantar. Foram essas as imagens que a goiana levou de lembrança da nova capital até o seu retorno em definitivo um ano depois.

O destino estava mesmo a favor de Natanry. Moça de família e frequentadora das matinês dançantes, ela conheceu na-

quele mesmo ano, de forma inusitada, o futuro marido. Foi durante um baile no Jockey Clube de Goiânia que o gaúcho e primeiro advogado de Brasília se declarou. “Ele era um misto de intelectual e conquistador, com a fama na cidade de ser um arquimilionário francês, que acabava de chegar de Paris, onde morou durante cinco anos”, descreve com a mesma surpresa daquela noite. “Ele me chamou pra dançar e já foi logo dizendo: mo-

NATANRY, COM O MARIDO ANTONIO CARLOS OSÓRIO (E), EM RECEPÇÃO NO ITAMARATY AO LADO DE PONTES DE MIRANDA E DO MINISTRO ESDRAS GUEIROS

ro em Brasília, sou advogado, fui orador da turma no curso de Filosofia e tenho 31 anos. Há oito meses tento falar com você e não consigo, mas já sei tudo sobre a sua vida e você é a mulher que escolhi para me casar.”

ava, a pioneira ouvia as histórias sobre a transferência da capital para o Planalto e a construção. Com o casamento, em 1959, o sonho se realizou

O ENTUSIASMO DE NATANRY AO VIR PARA BRASÍLIA É HOJE COMPARTILHADO COM FILHOS E NETOS



Não foi apenas a forma como o advogado Antônio Carlos Osório se apresentou que chamou a atenção de Natanry. "Naquele momento fiquei deslumbrada com a possibilidade de vir a realizar meu sonho de morar em Brasília", garante a pioneira. Em meados de 1959 os dois se casaram e mudaram para a desolada Cidade Livre.

Atraída pelos desafios e pelo sonho de participar da construção de Brasília, a estudante abandonou a faculdade e o conforto do lar para mergulhar na grande epopéia. A normalista buscou em Taguatinga, no primeiro colégio público, uma forma de contribuir para a consolidação do sonho de Juscelino. Sob a coordenação da professora Santa Soyer e do dr. Ernesto Silva", Natanry alfabetizou mais de cinquenta candanginhos.

Dentro de um ônibus caindo aos pedaços a gestante seguia todos os dias ao lado dos operários pelas estradas de terra esburacadas rumo ao colégio, que funcionava próximo ao Hospital São Vicente. Para não entrar na sala de aula com os pés sujos de barro, ela tinha sempre um par de sapatos na escola para trocar. "As dificuldades, embora existissem, não tinham importância, passavam despercebidas. Elas foram superadas pela esperança, pela fé e pela certeza de que éramos únicos e necessários na concretização de uma profecia e um ideal. O entusiasmo era a tônica reinante. Éramos todos predestinados a construir uma cidade mística, sob o comando carismático de Juscelino Kubitschek. Sabia que todas as dificuldades eram passageiras e foi um privilégio para mim participar desse

desafio. Se existiam problemas, eu os ignorava", afirma.

O primeiro endereço do casal foi o Hotel Santos Dummont, no Núcleo Bandeirante, onde ficaram por pouco tempo. A mudança para o Hotel Normandie não trouxe grandes progressos. O quarto era tão pequeno que, para dar a passagem a outra pessoa, ela tinha que subir na cama. O banheiro coletivo funcionava no corredor e o banho só era possível com um balde, que despejava água fria. "O guarda-roupa foi improvisado usando um cordão no meio do corredor, onde a roupa era pendurada". Para a tristeza da hóspede, os lençóis de linho bordados e parte do enxoval que usava eram lavados em Goiânia e por lá ficavam. "A terra vermelha daqui impregnava os tecidos." Depois que o primeiro filho nasceu, os Osórios se mudaram para Taguatinga. Aconchegado em um Moisés (berço portátil), o primogênito também a acompanhava até a escola. "Ele ficava na sala da diretora, Anísia Rocha, e na hora de amamentá-lo,

nós rezeávamos e ela assumia a sala de aula para mim".

A vida social no cerrado

Com a consolidação da nova capital e a transferência da República, o mais novo centro político do país atraía cada vez mais personalidades ao Planalto. Natanry participava ativamente da vida social ao lado do marido. Numa dessas visitas, ela teve a honra de receber em sua casa, para um jantar, a visita do estilista francês Pierre Cardin. Sempre na moda e desfrutando de medidas de uma miss, a anfitriã também costumava frequentar os salões da alta sociedade no Brasília Palace Hotel e no Itamaraty.

Mas nem tudo eram flores. Natanry sabia dizer não quando era preciso, principalmente para defender o marido. "Uma vez apareceu um senhor com uma enorme faixa de propaganda de Jânio Quadros na mão, a pedido do governador Paulo de Tarso. Ele queria fazer do escritório do meu marido um comitê pró-Jânio." A postura da esposa, contrária à atitude daquele senhor, o fez vi-

rar as costas e ir embora. "Disse que não queria a faixa ali e que era um engano, mas que iria falar depois com meu esposo."

A ex-atriz de teatro também guarda na lembrança o som que vinha do alto-falante do rádio-jornal que transmitia a trilha de *A ponte do rio Kuai*. De tanto ouvi-la, em pleno mal-estar dos primeiros meses de gestação, "causou-lhe durante muito tempo um certo arrepio".

A disposição e a força de vontade da pioneira na alfabetização dos alunos e nos trabalhos sociais a levaram a receber a Medalha do Mérito Alvorada e a presidir a Ação Social do Planalto. Mas ela garante que o trabalho em benefício da capital ainda não terminou. "O privilégio de ser personagem de uma história, de participar da construção da cidade que nasceu do nada me contagiou e ainda permanece. Amo Brasília e me orgulho de ter visto a cidade nascer e crescer. No que depender de mim, tudo farei para preservá-la", declara a administradora do Lago Sul.

“AQUELE CÉU IMENSO, AS NUVENS BARROCAS, A DIVERSIDADE DO CERRADO, O RITMO ACELERADO DAS CONSTRUÇÕES, OS ESQUELETOS DE PRÉDIOS EM ESTRUTURA METÁLICA E TRATORES POR TODO LADO, AQUILO TUDO ME FASCINAVA”

Raio X

Nome: Natanry Ludovico Pinheiro Lacerda Osório
Idade: 65 anos
Origem: Goiânia, Goiás
Ano de chegada a Brasília: 1959
Estado civil: Casada com o advogado Antônio Carlos Osório
Profissão: Administradora do Lago Sul
Filhos: Antônio Cândido, Maria Karla, Maria Cecília, Antônio C. Filho e Diva Maria
Netos: Maria Karenina, Raissa, Marcela, Rafael, André, Pedro, Ana Carolina, Ana Cecília, Rafaela

PIONEIROS



Nicolau Neto Godói

O faz-tudo da cidade em construção

Reprodução do livro *A epopéia da construção de Brasília*

YINIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Por Brasília, o aposentado Nicolau Neto Godói já foi de tudo um pouco. Atacou de engenheiro, empresário, pedreiro e até mesmo cozeiro, entre tantos outros eiros. Mas o que mais dá a ele orgulho é de ser um pioneiro, talvez a única de todas essas atividades que não foi exercida na base do improviso. Afinal de contas, era um tempo em que a tônica era dada pelo espírito aventureiro de cada uma das pessoas que se ariscavam por aqui antes de 1960.

Espírito esse que não falta a Nicolau, que chegou aqui em 17 de agosto de 1957 a bordo de um avião DC5 vindo de Belo Horizonte numa viagem que durou quase um dia. Logo na chegada, a primeira aventura. "Tinha deixado minha noiva, Stela, em Minas Gerais, e, por isso, havia urgência de arrumar logo um lugar para morar, pois eu não tinha nem isso aqui", afirma Nicolau, acrescentando que no primeiro momento morou na casa de sua tia, Benzica. Além da tia, Nicolau também já tinha o irmão, Antônio, morando na cidade.

A primeira casa de Nicolau foi construída por ele mesmo na Cidade Livre (atual Núcleo Bandeirante), às margens do Riacho Vicente Pires. "Como era amigo de Adalberto João Pinheiro, sobrinho de Israel Pinheiro, acabei ganhando um gerador de energia, o que fez da minha casa a



primeira residência da cidade a ter luz elétrica", conta Nicolau. Logo depois, no entanto, o gerador foi roubado e o pioneiro teve que se contentar mesmo com os tradicionais vela e lampião a gás.

Logo em seu primeiro emprego na cidade, Nicolau notou que seria uma espécie de faz-tudo na nova capital. De cara, ele foi designado para a chefia dos serviços externos na Cidade Livre. "Eu era responsável por várias coisas, como a manutenção das ruas, a coleta de lixo, entre outros afaze-

res que iam surgindo", diz o pioneiro. Naquela época, Brasília girava em torno da Cidade Livre e os dois locais eram ligados por meio de uma ponte de madeira sobre o Vicente Pires, perto da casa de Nicolau. O pioneiro lembra que por essa ponte passavam caminhões com material para a construção, carga pesada demais para a frágil ponte. "Um dia a ponte não agüentou e cedeu para um canto, impedindo a passagem dos veículos", conta. Foi aí que o amigo e administrador da

Cidade Livre, José Pimentel, apelou a Nicolau para que ele constrísse a nova ponte em caráter de máxima urgência a fim de que as obras de Brasília não fossem interrompidas. Para piorar tudo, era época de chuva na cidade e a pressão era grande, pois já havia uma "enorme fila de caminhões parados esperando apenas que a ponte ficasse pronta".

Em cerca de 40 horas, e "sem ter nenhuma noção de engenharia, seguindo apenas as orientações de Pimentel", a ponte foi

NO CATETINHO, NICOLAU E A ESPOSA, STELA MARIA, AO FUNDO (ATRÁS DOS SENHORES DE BIGODE), OUVINDO O DISCURSO DE ISRAEL PINHEIRO DURANTE CHURRASCO OFERECIDO POR JK (SENTADO NO CANTO DIREITO) AOS PIONEIROS

construída e seguiu firme até a inauguração. O aventureiro Nicolau demonstrou coragem ao ficar embaixo da ponte na hora em que o primeiro caminhão a

PIONEIROS

Quando chegou a Brasília, em 1957, foi obrigado a improvisar — engenheiro, cozeiro, pedreiro. Depois da inauguração, voltou para Minas, mas não se readaptou, Brasília já era sua cidade

ultrapassou. “Tinha confiança na força do material que utilizamos como viga”, explica. Tal material eram toras das árvores que rodeavam o local.

Companheiro

Além de trabalhar nos serviços externos da Cidade Livre, Nicolau tinha um caminhão, companheiro de muitas aventuras. Como a de buscar pedras em Pirenópolis e Corumbá para vender para as construtoras. “Eu e meu irmão fomos os primeiros a explorar esse material na região”, garante. Outra aventura com o caminhão foi retirar as lenhas do que seria o fundo do Lago Paranoá e vendê-las para padarias e empresas. “Tirei muita lenha de lá, mas com certeza ainda tem muitos resquícios desse tempo no fundo do lago até hoje”, afirma.

O ano de 1958 ficou marcado por mais um improviso na vida do pioneiro. Dessa vez, Nicolau atacaria de cozeiro. Ele estava sentado na varanda da casa de seu irmão quando Israel Pinheiro chegou com a notícia de que Bernardo Sayão havia morrido, vítima de um acidente. Logo que foi decidido pela família — com intervenção do presidente Juscelino Kubitschek — que o enterro seria em Brasília atendeu-se para um detalhe: a nova capital não tinha ainda um cemitério. Rapidamente, escolheu-se o local — o mesmo onde hoje está o Campo da Esperança — e designou-se Nicolau para cavar a cova do colega. “Mais uma vez eu não tinha a noção de como poderia fazer aquele serviço e fui só seguindo à risca as orientações que me eram passadas”, conta. A cal foi buscada em cima da hora e a laje improvisada de uma que estava encostada na casa de Antonio Go-



NICOLAU E STELA NO ANIVERSÁRIO DE TRÊS ANOS DAS NETAS GÊMEAS RAFAELLA E ISABELLA, EM 2003

dó. Enquanto Nicolau terminava a mórbida tarefa, Israel Pinheiro, sentado à beira da cova de Sayão — definido por Nicolau como “um símbolo do pioneirismo de Brasília” —, imaginava como seria o projeto do Campo da Esperança. Anos mais tarde, outro enterro — o de Juscelino — marcou a vida de Nicolau. “Nunca tinha visto tanta comoção na cidade. As pessoas tiraram o caixão dele do carro de bombeiros e o carregavam nos braços até o cemitério”, lembra o pioneiro.

Um ano depois da inauguração de Brasília, Nicolau resolveu voltar a Belo Horizonte, pois a cidade “não estava crescendo da maneira planejada por JK”. Mas a falta que o casal sentiu de Brasília foi tão grande que a ausência durou menos de três anos. “Não nos readaptamos a Belo Horizonte e surgiu uma oportunidade de voltar para cá. Não tive dúvidas, topei na hora”, afirma Nicolau, que veio instalar a primeira indústria eletrônica de Brasília, a Uirapuru, empresa de rádios para automóveis. “Como Brasília reunia gente de todas as cidades e países, ajustávamos a frequên-

“**COMO BRASÍLIA REUNIA GENTE DE TODAS AS CIDADES E PAÍSES, AJUSTÁVAMOS A FREQUÊNCIA DOS RÁDIOS PARA PEGAR ESTAÇÕES DE TODOS OS LUGARES, COMO PORTO ALEGRE E LONDRES**”

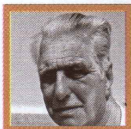
cia dos rádios para pegar estações de todos os lugares, como Porto Alegre e Londres”, explica.

Em meio a tanta aventura também havia espaço para o romantismo. O ano era 1958, Nicolau já havia saído da Cidade Livre e dividia uma das primeiras 500 casas construídas na W3 Sul com o irmão e a cunhada. “Tanto eu como meu irmão necessitávamos de mais espaço, pois tínhamos planos de constituir família. Por isso fui a Israel Pinheiro e pedi uma casa para mim”, conta. Pedido aceito, só faltava avisar à esposa. Nicolau voltou, então, de mais um dia de serviço e convidou Stela para um passeio. Como quem não quer nada, passou pela casa nova. “Abri a porta sem ela perceber e a convidi para conhecermos a casa por dentro. Quando entramos perguntei se ela havia gostado e disse que era dela”, conta o pioneiro. Nem precisa dizer que a mudança foi providenciada logo no dia seguinte. Passados tantos anos, o espírito de Nicolau continua romântico — o pioneiro tem guardados objetos como copos e livros da época da construção.

Raio X

Nome: Nicolau Neto Godói
Idade: 67 anos
Origem: Belo Horizonte, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1957
Profissão: aposentado
Estado civil: Casado
Esposa: Stela Maria Godói
Filhos: Adriana Maria e Marcelo
Netos: Isabella e Rafaella

PIONEIROS



Walter Lima da Cruz

Assistência aos candangos nos primeiros anos

Arquivo pessoal



O CONSELHO DE BEM-ESTAR SOCIAL FOI RESPONSÁVEL PELA CRIAÇÃO DA RUA DO RECREIO

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

"Pioneiro é uma palavra plural, múltipla, não existe na área social alguém que tenha feito algo sozinho na construção da nova capital." Com esta frase, o carioca de Vila Isabel Walter Lima da Cruz, 79 anos, divide com outros tantos que o acompanharam nos trabalhos como assistente social o mérito por inúmeras ações realizadas durante os primeiros anos do Distrito Federal.

O projeto de transferir a capital do país para o Centro-Oeste já o agradava. Achava importante desenvolver o interior, tirar a sede do Governo Federal da "beira da praia". Mas a iniciativa de vir para cá não seria tomada se não fosse o convite de Maria Regina Uchôa Pinheiro, filha de Israel Pinheiro, um dos principais dirigentes da Novacap nos primeiros anos da construção de Brasília.

Como presidente da Associação Profissional de Assistência do Rio de Janeiro, Cruz e um grupo de assistentes foram convidados em abril de 1958 a conhecer as primeiras obras da futura capital federal. Na oportunidade, decidiu-se organizar um seminário para discutir os problemas sociais que começavam a surgir aqui e como solucioná-los.

O evento aconteceu em agosto do mesmo ano e reuniu dirigentes da Novacap, representantes

das construtoras, médicos e pioneiras sociais. Por indicação de Diná Maria Watzke, que era assistente de Ernesto Silva na Novacap do Rio de Janeiro, Cruz desembarcou novamente no DF, desta vez para ficar.

A recomendação do seminário era de que se constituísse uma instituição para executar as ações previstas na reunião, com subsídios da Novacap. Para coordenar e supervisionar o projeto, criou-se o Conselho de Bem Estar Social de Brasília, que trabalharia com colaboração das igrejas e escolas que aqui já existiam, além de outros voluntários. Cruz passou a fazer parte da nova entidade.

"A idéia era formar entidades locais para trabalhar nas comu-

nidades e criar um fundo único de contribuições que seria administrado pelo conselho", conta. "O Estado entraria com recursos adicionais para suplementar as verbas que faltassem", explica. O projeto não deu certo e o conselho terminou concentrando todas as ações.

Vila Amauri

A primeira atividade do Conselho foi identificar as famílias que moravam na Vila Amauri. O pequeno aglomerado urbano ficava próximo ao Brasília Palace Hotel e à Vila Planalto, numa área que seria inundada pelo Lago Paranoá. A medida era urgente, pois a barragem já havia sido concluída e o lago começava a encher.

A Vila Amauri era assim chamada, segundo Cruz, porque havia sido implementada por um dirigente da Novacap chamado Amauri Almeida. Ali, viviam os candangos que haviam trabalhado nas obras do Palácio da Alvorada e do Brasília Palace, primeiras construções concluídas na cidade.

O pequeno censo organizado pelo conselho foi realizado rapidamente por um grupo de pesquisadores que iam de barraco em barraco perguntando os nomes dos integrantes das famílias, a ocupação dos chefes, a origem etc. Descobriu-se que cerca de 3 mil núcleos familiares viviam ali.

Além da pequena população ameaçada pela inundação, a Vila

contava com um centro comercial, uma estação rodoviária, um posto de serviço médico, serviço de som e a Escola Ernesto Silva. Tudo de madeira.

O destino das famílias seria Taguatinga. Segundo Cruz, o projeto original do Distrito Federal previa que as cidades-satélites só seriam povoadas depois de o Plano Piloto ter sido completado. Taguatinga, por exemplo, deveria ter apenas 2,5 mil lotes e 16 mil habitantes. Mas a história tomou outro rumo. "Quando se iniciou o movimento de invasão para formar a Vila Sara, perto do Núcleo Bandeirante, Ernesto Silva, que era prefeito do DF, teve que organizar a ida das famílias para lá", revela Cruz. "Ninguém segura o crescimento de uma cidade", afirma o pioneiro.

Assim, no momento da retirada dos moradores da Vila Amauri, Taguatinga já existia, e a definição do tamanho dos lotes que seriam entregues teve que ser adaptada à nova realidade. Cruz foi o principal responsável por determinar a área de 300 metros quadrados para cada lote.

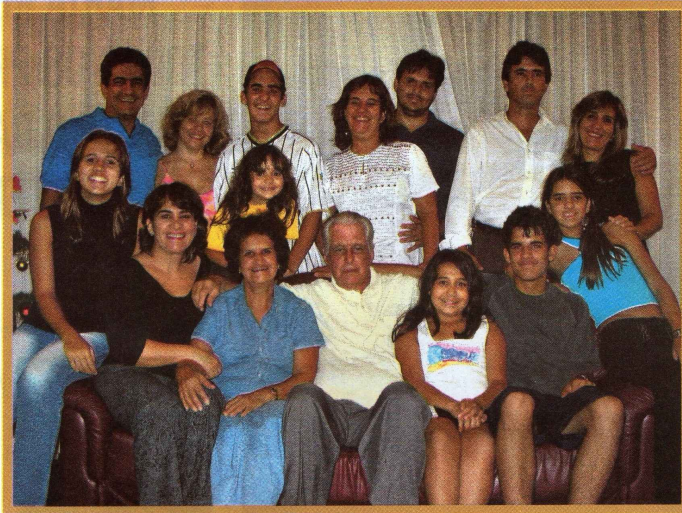
Operação caramujo

O Conselho de Bem-estar Social, com recursos da Novacap, ajudava a transferência das famílias com o transporte do material retirado dos barracos, a marcação dos lotes e a construção de uma quadra provisória com 60 casas

PIONEIROS

Em abril de 1958, Walter saiu do Rio para conhecer as obras da capital a convite da filha de Israel Pinheiro. No mesmo ano se mudou de vez para a cidade em construção

A OPÇÃO DE MORAR NA NOVA CAPITAL, TOMADA EM 1958, É COMPARTILHADA HOJE PELA MULHER, TEREZINHA, FILHOS E NETOS



de trânsito, onde as famílias se acomodavam enquanto reconstruíam seus barracos no novo endereço.

O conselho organizou a escavação das fossas nas casas de trânsito e levou água para os moradores com ajuda de uma bomba retirada do Palácio da Alvorada. "Era a única que existia na cidade", diz Cruz. "Naquela época, olhávamos onde estavam as coisas e pegávamos, depois avisávamos", completa. A água era puxada de uma nascente onde hoje está o Fórum de Justiça de Taguatinga.

Além de transportar a mudança dos moradores, o conselho encarregou-se de conseguir material adicional com as construtoras, que concordaram em doar tábuas que sobravam das obras. Para agilizar e maximizar o aproveitamento do material, o conselho instalou uma pequena marcenaria, onde as tábuas eram empilhadas e cortadas em tamanhos iguais para as construções dos barracos. Quem construía os barracos eram os próprios candangos, em mutirão.

A operação foi chamada de camaraju porque os candangos levavam o barraco nas costas, primeiro para Taguatinga, depois para Sobradinho e Gama. "Tudo tinha que ser feito na base da gozação porque por imposição não funcionava", afirma Cruz. Na Brasília do início, a única autoridade era a camaradagem.

Poucos moradores resistiram à mudança porque a água do lago começou a inundar a área e assustar a população. Junto com a água, vinham as cobras, aglizando ainda mais o processo.

Depois de fazer a transferência, os moradores passavam no escri-

“**TUDO TINHA QUE SER FEITO NA BASE DA GOZAÇÃO PORQUE POR IMPOSIÇÃO NÃO FUNCIONAVA. NA BRASÍLIA DO INÍCIO, A ÚNICA AUTORIDADE ERA A CAMARADAGEM**”

tório imobiliário da Novacap, preenchiam um contrato de arrendamento com opção de compra e passavam a pagar uma taxa mensal de ocupação. O governo vendia os lotes por 35 mil cruzeiros, pagos em 100 prestações. "Um programa social precisa ter projeção longa e não depender da mudança de governos para funcionar", ensina o pioneiro.

O Conselho de Bem-estar Social era uma entidade privada que funcionou com respaldo da Novacap até a criação da Fundação do Serviço Social, em 1962. A mudança na política social da cidade é criticada por Cruz. Ele conta que foram destinados, na época, 20 milhões de cruzeiros para a entidade, que foram suficientes apenas para pagar os salários de uma equipe de funcionários trazidos de São Paulo, que nada sabiam sobre o Distrito Federal e suas dificuldades.

O serviço ficou extremamente burocratizado, prejudicando medidas que precisavam ser tomadas de forma imediata. Mesmo assim, Cruz continuou como diretor executivo da Fundação até 1975, quando, ao se formar


em Direito pelo Ceub, foi nomeado chefe do Serviço Jurídico da Novacap.

Entre outras ações importantes coordenadas pelo pioneiro à frente do Conselho de Bem-Estar Social, vale aqui ressaltar a criação das ruas de recreio e do Posto Assistencial Volante (Pavol). A primeira consistia em eventos lúdicos organizados nas ruas do DF a partir de 1959, que contavam com cantigas de roda, futebol, corrida, aulas de ginástica e outras atividades. Tudo era supervisionado por professores de Educação Física treinados para trabalhar com a população de Brasília, uma equipe de médicos à disposição e policiamento especial. As ruas de recreio eram noticiadas pela Rádio Nacional e aconteceram por vários anos na nova capital.

Já o Pavol era uma kombi que percorria o acampamento dos trabalhadores das fábricas de cimento instaladas na Fercal, próxima a Sobradinho, com dentista, enfermeiros. O serviço visava evitar que a população dali tivesse que se deslocar para o Plano Piloto para cuidar da saúde.

Raio X

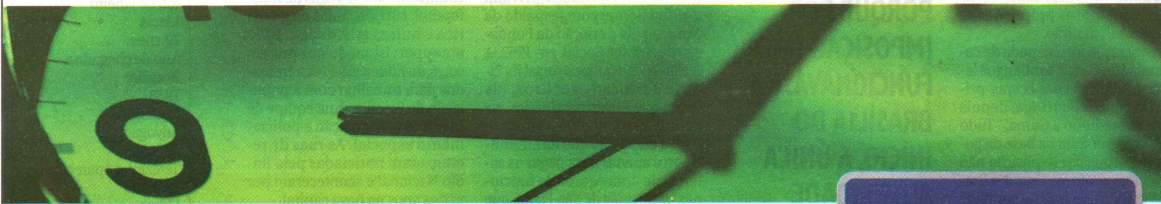
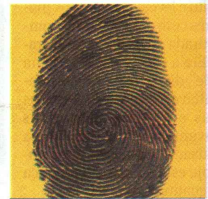
Nome: Walter Lima da Cruz
Origem: Rio de Janeiro
Idade: 79 anos
Ano de chegada a Brasília: 1958
Profissão: Advogado
Esposa: Terezinha Aparecida de Resende
Filhos: Denise, Deise, Dione e Fernando
Netos: Cristiele, Fernanda, Beatriz, Hanna Maria, Guilherme, Rodrigo, Guilherme, Ana Paula, Michele e Felipe



**RAPIDEZ PARA A
MARTA RESOLVER
TODOS OS PROBLEMAS,
ATÉ O DA FALTA
DE TEMPO.**

NA HORA

SERVIÇOS PÚBLICOS
COM ATENDIMENTO
RÁPIDO, SIMPLES E
DE QUALIDADE.



A Marta trabalha o dia inteiro e faz cursinho à noite para o vestibular. No meio de tanta correria, dia desses ela perdeu a carteira com todos os documentos. Para tirar segunda via de tudo sem perder tempo, foi ao subsolo da Rodoviária procurar o **NA HORA**. Serviço que oferece atendimento imediato ao cidadão e reúne órgãos públicos federais, distritais e do Poder Judiciário. Lá você encontra

o Detran, a Defensoria Pública, o BRB, Procon, Caesb, CEB, ECT, INSS, Ouvidoria Geral do DF e da Polícia Militar, além das secretarias de Fazenda, Segurança Pública e de Trabalho. A Marta experimentou o serviço e gostou. Em cinco minutos, ela foi atendida. No ano passado, cerca de 290 mil pessoas também experimentaram. E 98% delas avaliaram o atendimento como excelente.

